

Ilha dos prazeres

*Golfe e repouso na Ilha de
Comandatuba não são
exatamente férias: é algo mais
próximo de um sonho tropical*

Por Marco Frenette
Fotos Nancy Cabrino

É tudo parecido com o seriado cult A Ilha da Fantasia. Você chega de barco e, pouco antes de atracar, já está deslumbrado com o visual arrebatador da Ilha de Comandantuba, dominada por uma infinidade de coqueiros enormes e centenários. Só que em vez de ser recepcionado pelo simpático anão Tattoo com seu inesquecível smoking branco, você recebe as boas-vindas de um grupo de baianas em trajés típicos, também com as cores alvas da paz. Após as meninas lhe oferecerem champanhe e água de coco – e colocar em seu pescoço um colar simbolizando a hospitalidade local – surgem os simpáticos atendentes do Hotel Transamérica para levá-lo de trenzinho para a recepção do resort, uma imponente construção guardada por um imenso leão de madeira que descansa bem no meio do lobby. É para o hóspede não esquecer, nem na hora do check-in, que está em um lugar muito especial.

Imensidão aconchegante



Logo nos primeiros momentos nessa ilha, o turista é envolvido por uma agradável contradição: apesar de estar num enorme pedaço de terra cercado por 21 quilômetros de praias paradisíacas e desertas, a impressão que se tem é a de estar caminhando por uma agradável e pequena vila de luxo. Isso ocorre porque a arquitetura do lugar – das piscinas aos restaurantes e passando pelos chalés e apartamentos – é perfeitamente integrada aos imensos coqueirais. Desse modo, a sensação de aconchego é uma constante quando se caminha de uma diversão a outra sob a sombra recortada dessas árvores símbolos dos prazeres tropicais.

Na verdade, esse é um dos grandes charmes desse resort de luxo: a exata proximidade das coisas. Para os mais sedentários, há trenzinhos circulando a toda hora pelo complexo, para não deixar o hóspede dar um passo sequer. No entanto, basta uma rápida caminhada para estar

em uma das inúmeras piscinas, no sofisticado spa L'Occitane ou no bar da praia, onde se pode comer, entre tantas iguarias, uma casquinha de siri que, de tão boa, beira o vício – tem hóspede que se especializa em almoçá-la todos os dias, acompanhado de uma cerveja bem gelada, de uma caipirinha de frutas ou até, vejam só, de champanhe.

Os luxos dos prazeres simples

Todos sabem que não há luxo maior que poder se entregar totalmente aos prazeres simples da vida; os quais, claro, se tornam cada vez mais raros. O complexo tem uma perfeita disposição de redes e cadeiras de praia para um doce far niente à sombra dos coqueirais ou sob os raios do sol que chegam ao chão recortados pelas copas. Também há bicicletas para serem alugadas para um tranquilo passeio pela ilha.

Em termos de tranquilidade, um ambiente que,

apesar de não combinar nada com praia, merece uma visita, é a biblioteca. Na verdade, uma sala com apenas algumas dezenas de livros e outro tanto de revistas. Mas o pequeno espaço decorado em tons de amarelo e marrom é um ambiente tão agradável a ponto de desejarmos que tudo fosse parte de nossa casa.

Sobretudo, o golfe

Porém, para o golfista, todos esses atrativos não serão páreos para o campo de 18 buracos projetado por Dan Blankenship. O sossego e beleza da Ilha serão apenas um lugar onde se dará o repouso do golfista guerreiro após enfrentar um campo sedutor, desafiador e com forte personalidade.

Além dos buracos finais margeando a praia, onde a vista corre solta no horizonte, o campo tem muitos buracos absolutamente fechados pela Mata Atlântica, o que dá ao golfista uma

agradável sensação de isolamento, uma vez que não vê as raiais ou greens de outros buracos. É um detalhe aparentemente simples que surte um grande efeito psicológico no jogador, pois é um “chamado” para um maior comprometimento com a tacada e estratégia do momento.

Campo para sua felicidade



Qualquer um que já jogou no Comandatuba Ocean Course sabe que o campo é puro deleite. Porém, muitos não percebem que o traçado pode possibilitar o prazer completo de um score abaixo do handicap – e sem o uso de Mulligan ou pistolagem. Para quem joga do tee branco, esse é o campo perfeito para voltar de viagem com a emoção de ter quebrado a barreira dos 80 ou 90 pela primeira vez. A estratégia para fazer score é muito simples: nos tiros de saída, não tente bater bombas, apenas se contente com tiros na faixa das 180-200 jardas. Essa média de distância é mais que suficiente para passar lagos e bancas de areias e, no entanto, é curta o suficiente para deixar o golfista longe dos problemas que o esperam no segundo tiro se a saída tiver ultrapassado essa distância. E repare: isso serve para os 18 buracos.

Belos e Curtos

Um bom exemplo de aplicação dessa tática é o

belo e curtíssimo buraco 10, um par 4 de 304 jardas. Em frente ao tee há uma extensão de areia que só entra em jogo se a tacada for pesada. A água à direita também é mais um obstáculo psicológico, uma vez que para cair nela é preciso dar um inacreditável e inesquecível shank. Caso contrário, a bola pousará num fairway amplo e plano a partir de um tiro de 180 jardas. Se bater 200, ficará com um segundo tiro de 100 jardas para a bandeira, com uma boa chance de chegar no green in regulation. O buraco 11 também é um par 4, esse com 342 jardas. Também aqui, o driver é absolutamente desaconselhável. À esquerda há um cinturão de areia riscando o fairway; e do lado direito há um “muro” de árvores que também invade a raia – qualquer driver mal calculado e a bola terminará em um desses dois obstáculos. Em compensação, qualquer tiro entre 180 e 200 jardas deixará a bola segura no lado esquerdo do fairway. Se o tiro sair à direita, o segundo tiro será um pouco dificultado pelo paredão de árvores. No segundo tiro para o green – algo entre 120 e 140 jardas, é melhor mirar a direita, pois o lado esquerdo é bem protegido por água e banca de areia. Feito isso, mais uma chance boa de par.

Ainda belos, mas agora longos

Porém, como já foi dito, essa felicidade de inusitados pares é do tee branco. Do tee azul (nem falemos do dourado!) a realidade é um pouquinho mais dura. O buraco 1 de par 4, por exemplo, tem 323 do branco, mas sobe para 373 do azul. Os aumentos de distância não parecem tão grandes, mas o traçado é tão bem feito, e os tee estão tão bem reposicionados, que a mudança de tee significa uma real mudança de jogo. Quer dizer, não é apenas questão de bater um pouco mais longe, mas de vencer as armadilhas do campo. A partir do azul, as bolas começam a tender perigosamente para a mata e para os lagos. É quando o prazer do golfista começa a ser salpicado por pingos de dor. Pensando bem, e já que você está de férias, aproveite o paraíso por completo: não arrede o pé do tee branco.

